CRÔNICAS DO ODÔMETRO

Pensamentos/km



Frederico Fortes Ribeiro

Frederico Fortes Ribeiro

fredfortes1@hotmail.com

WhatsApp 31 9 9444 0309

2019

(por favor, me envie a sua opinião sobre este livro)

Para as minhas filhas Flávia e Laura.

Pensava em vocês a cada quilômetro.

Durante algum tempo contei minha vida por quilômetros, não por dias; hoje, conto por páginas.

Sumário

Cassim Foi, Cassim Será 9

Peixe-vivo 13

A Morte Pede Carona 21

O Leão de Pocrane 35

Chifre em Cabeça de Cavalo, Quem Procura Acha 45

Constatação Americana 57

Food Truck de Drogas 63

Galegos 75

Galo Duro I 83

Galo Duro II 95

Os Fantasmas se Divertem ou Quando o Gato Sai de Casa os Ratos Fazem a Festa 103

Perninha 111

Suco de "Jui" 119

Um Dia, Uma Fila 127

Uma Ponte Longe Demais 137

Viagem Hierárquica 147

Cachorro Morto 155

Cassim Foi, Cassim Será

Ela era uma senhora simpaticíssima. Típica figura do nordeste de Minas, baixinha, alegre, curtida de sol e com uma forma de corpo que transitava entre o gordinho e o forte, sem ser sensual, mas com toda a feminilidade que a maternidade pode prover. A vida dura na lida tornava impossível alguém lhe revelar a idade.

Sinal dos tempos, onde a urbanidade assume a postura do meio rural e transforma a cultura provinciana com os apelos das novelas e dos shoppings, D. Geni também trocou o cabo da enxada pelo cabo de uma vassoura feita com material reciclável e foi trabalhar como gari na limpeza urbana de Carlos Chagas. O serviço era terceirizado e a empresa que a empregara fornecia uniforme e boné, de uma cor tão laranja, que mesmo D. Geni, pequenina como era não passava despercebida pelas ruas da cidade. E todo mundo a conhecia, pois, D. Geni além de ser a mais alegre funcionária da firma, sendo incapaz para alguém notar-lhe alguma tristeza, também era a melhor benzedeira da região. Não havia ninguém na cidade que não conhecesse esse dom de D. Geni. Sua vassoura estava sempre enfeitada com diversos laços coloridos amarrados e quase sempre aparecia algum morador pedindo uma benzeção. Às vezes era o filho que estava doente, às vezes o namorado que não estava de bom humor, D. Geni era sempre requisitada e lá ia ela solícita como de costume, pegava algumas folhas de alguma planta que só

ela conhecia, manipulava aqueles poderes ocultos e milagrosos e, com algumas palavras espantava todo o mal que afligia aos seus abençoados. Terminada a benzeção, D. Geni continuava varrendo as ruas com uma vassoura enfeitada de laços, maior que ela, como se fosse seu parceiro num balé ritmado, sempre sorrindo como se estivesse a escutar uma música suave que a fizesse bailar com seu par feito de Pet e madeira.

Em uma determinada tarde, onde as coisas todas transcorriam exatamente como eram, D. Geni começou a varrer uma ladeira da cidade que parecia interminável. Como é muito comum em cidades do interior, os donos das casas localizadas em trechos muito íngremes, constroem passeios mais altos para nivelar as portas das casas, o que faz aparecer alguns degraus entre os passeios e as sarjetas, quanto mais íngreme a ladeira, mais alto o degrau. É corriqueiro no interior vermos motos antigas circulando, pois na maioria das vezes nem a moto e nem o motoqueiro tem a documentação em dia. Estas motos acabam virando uma moeda de troca entre as pessoas, que vão utilizando as mesmas, através de estradas de terra e asfalto até elas não andarem mais. As motocicletas antigas substituíram os cavalos e jumentinhos que transportavam as pessoas da roça para a cidade e, na cabeça das pessoas da lida, aquilo é igual cavalo, precisa de documento para andar não. Pois veio um motoqueiro com uma daquelas motocicletas modelo CG 125

alaranjada, bem antiga, e estacionou apressado ao lado de um desses degraus altos na ladeira que D. Geni varria. Distraída, sem nem ao menos perceber a moto estacionada ali à sua frente, ela foi varrendo a sarjeta ao longo do degrau e em um dado momento se abaixou para pegar uma folha que insistia em escapar de sua vassoura. Foi nesse exato instante que ela sentiu uma perna passar por sobre as suas costas, como se alguém fosse montar em uma sela imaginária que ela pudesse estar carregando consigo. Assustada, D. Geni ergueu o seu corpo e apoiando-se em sua fiel vassoura deu um impulso para frente, escapando de ser domada como um chucro. No mesmo momento, o motoqueiro que distraído, havia saído da casa onde entrara e num movimento contínuo se encaminhara para D. Geni, achando que aquele borrão alaranjado no canto de seus olhos e embaixo do degrau da rua fosse sua moto, ao ser apanhado pelo susto de vê-la levantar-se e sair correndo debaixo de sua perna em pleno ar, deu um grito de pavor e em um rodopio espasmódico caiu sentado no meio da rua. Ao ver o que havia se passado, pediu desculpas para D. Geni e saiu envergonhado com sua moto ladeira abaixo.

No final do dia, D. Geni que ia sempre guardar as suas ferramentas de trabalho no escritório da firma, contou morrendo de tanto rir a sua aventura com o motoqueiro para todos. Como já era de costume, eu que era o supervisor da empresa e visitava a cidade uma vez

por mês e estava lá justamente naquele dia, solicitei a D. Geni que fizesse uma benzeção para mim. D. Geni então me colocou sentado em uma cadeira para ficar da mesma altura, pegou algumas plantas no quintal do escritório e começou a rezar: – "Cassim foi, cassim será, da mesma forma que Jesus curou eu vou te curar, cassim foi cassim será..."

Terminada a oração D. Geni me mostrou que as folhas estavam murchas e que isso era um sinal, me aconselhando que tomasse cuidado com a inveja e o olho gordo das pessoas e foi para casa, satisfeita, feliz com o seu trabalho, talvez sem perceber que muito mais do que limpar as ruas da cidade, ela suavizava a vida e os olhos de toda a população de Carlos Chagas.

Peixe-vivo

Nas muitas andanças que venho fazendo pelo interior de Minas, tenho encontrado muitas pessoas interessantes. Já conheci gente em todos os estamentos sociais. Isto é um luxo que recebi por trabalhar com o lixo. Ao mesmo tempo em que convivi com famílias de catadores de lixo em aterros municipais, convivi com garis, engenheiros, secretários e prefeitos. E foi um desses prefeitos, que me encantou com sua sabedoria, humor, humildade e jeito matuto de político.

Em Diamantina, o meu primeiro contato com o Dr. João foi logo após as eleições municipais de 1996. O prefeito que administrava a cidade naquela época, não havia conseguido eleger o seu sucessor – então, não havia a possibilidade de reeleição – o que fazia mister que eu fosse conhecer o prefeito eleito, mesmo antes de sua posse, para descobrir quais seriam as intenções da nova administração em relação à empresa onde eu trabalhava.

A casa do Dr. João ficava ao lado do hotel Tejuco. Esse hotel havia sido construído na época de Juscelino e talvez fosse a única atitude polêmica de JK na cidade, pois, apesar de toda a relação do ex-presidente

com as tradições de Diamantina, o hotel havia sido arquitetado nas mesmas linhas de Brasília, o que o transformava num ponto de conflito visual ao lado das construções coloniais do centro da cidade. A casa do Dr. João era colonial, um casarão de dois andares muito bonito, com a farmácia de sua filha funcionando embaixo. Uma pintura branca com bordas e varandas em detalhes vinho, adereços e estruturas de madeira e toda conservada, porém, demonstrando a inserção de peças tecnológicas modernas como o interfone.

Dr. João me recebeu muito bem, eu muito nervoso por estar conhecendo uma figura política tradicional, contemporâneo de Juscelino, médico renomado na região e que havia ganhado a eleição de forma incontestável, demonstrando ter legitimidade para tomar qualquer decisão. E aliado a isto, eu estava extremamente preocupado com o futuro da empresa na cidade. Ao contrário, Dr. João me recebeu através de toda a sua paciência que beirava a orientalidade, ao me conhecer, ele já foi me chamando de “menino”, expressão que se tornou lugar comum em todas as nossas conversas. Tranquilizou-me sobre o futuro da empresa na cidade e se prontificou a corrigir a situação financeira da prefeitura conosco. Pediu para nos servirem um cafezinho, que veio em uma bandeja com ares de cem anos e imaginei se naquelas xícaras JK já não haveria bebericado um café com o Dr. João.

Após sua posse, fui fazer a primeira visita ao novo prefeito na sede da prefeitura, me anunciei à sua secretária e talvez tenha sido a primeira e única vez que precisei esperar para ser recebido pelo prefeito. Ele fazia questão de me receber em qualquer situação. Na sala de recepção, havia alguns móveis simples, dois sofás e algumas cadeiras, mas o que chamava a atenção era um enorme buraco, um fosso de aproximadamente cinco metros de profundidade, quadrado, com paredes de pedra e que no fundo, dava para a gente perceber um pequeno túnel. O fosso era iluminado e tinha como tampa uma grade quadrada de aproximadamente um metro e meio, que protegia os curiosos de caírem ao fundo, seria morte certa. O fosso ficava ali como um ponto turístico e, conta a lenda, durante o período colonial, aquele fosso ficava atrás da cadeira de quem ia até a mesa do contratador de Diamantes, que ao acionar uma alavanca embaixo de sua mesa abria a tampa do fosso, então de madeira e, inclinava a cadeira do incauto vendedor de Diamantes, jogando-o ao fundo, ficando o pobre sem a vida e sem as pedras. O corpo então era retirado do fundo do fosso por um escravo de confiança do contratador e tinha o destino desconhecido através do pequeno túnel. Já as pedras, que haviam ficado lá em cima da mesa do contratador, estas tinham destino certo.

A sala do Dr. João era diferente, mais acolhedora. Havia no fundo da sala uma mesa de gabinete com as

bandeiras de Minas, Diamantina e do Brasil, bem próximas, compondo uma espécie de cenário para fotos de prefeito. Sua mesa de trabalho era uma mesa retangular para oito pessoas, que ficava no centro da sala, defronte a um sofá de palhinha de três lugares, que me disseram ter sido colocado ali por Juscelino. Ao fundo, do lado da mesa para retratos havia um pequeno lavabo com um biombo à frente, bem providencial, já que o Dr. João sempre o utilizava sem fechar a porta – creio que era uma precaução de médico experiente e idoso.

Foram muitas as conversas que eu tive com ele naquela sala, muitos foram os casos que ele me contou. Quanta história. Uma vez, já não me lembro do contexto, ele me contou que ao ser eleito prefeito pela primeira vez, fora participar de uma festa no distrito de Mendanha, que ficava separado da estrada pelo rio Mendanha e era necessário atravessar o rio de barco para se chegar ao povoado. A festa estava boa e após tomar umas pingas ele acabou dizendo que iria construir uma ponte ligando o povoado à estrada. Algum morador mais desaforado fez um comentário dizendo que se JK não havia feito a ponte, não seria o Dr. João que a faria. O Dr. João num misto de fúria e pinga, discursou: "– Nem que seja com as minhas próprias unhas, eu irei fazer esta ponte!" Onde se ouviu um uníssono "MUUITO BEM!!", vindo da população. No outro dia, quando o Dr. João se lembrou do ocorrido, veio a ressaca moral. E agora, onde ele iria